Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.10, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4003

O IMPACTO DA TECNOLOGIA NA LEITURA NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS NO CURSO DE PEDAGOGIA

THE IMPACT OF TECHNOLOGY ON READING IN HIGHER EDUCATION: CHALLENGES AND POSSIBILITIES FOR TRAINING CRITICAL READERS IN THE PEDAGOGY COURSE

Adriene Fuzari Tamandaré
Graduanda em pedagogia, Faculdade de Ensino superior de Linhares-ES, Brasil
E-mail: adrienetamandare@gmail.com

Giovana Sepulchro Seidel
Graduanda em pedagogia Faculdade de Ensino superior de Linhares-ES, Brasil
E-mail: giofer1206@gmail.com

Poliana Bernabé Leonardeli
Doutora em Letras – UFES
Linhares, Espírito Santo, Brasil
E-mail: pleonardeli@gmail.com

Recebido: 15/05/2025 – Aceito: 30/05/2025

Resumo

Este artigo investiga os impactos das tecnologias digitais nos hábitos de leitura dos estudantes do curso de Pedagogia da Faculdade de Ensino Superior de Linhares (FACELI). A prática da leitura, essencial à formação acadêmica e crítica, tem sido profundamente modificada pelo advento das mídias digitais, que, ao mesmo tempo em que democratizam o acesso à informação, também introduzem novos desafios, como a fragmentação da atenção e a superficialidade na leitura. A pesquisa foi realizada por

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4003

meio de um questionário enviado a todos os estudantes matriculados no curso, obtendo 21 respostas. Os resultados apontam que, embora a tecnologia proporcione praticidade e ampliação das fontes de pesquisa, ela também favorece a dispersão, a leitura rápida e, muitas vezes, o consumo de conteúdos superficiais. A análise teórica, fundamentada em autores como Pierre Lévy, Maryanne Wolf e Roger Chartier, reforça que é necessário um olhar crítico sobre o uso das tecnologias na formação docente, valorizando práticas que estimulem a leitura profunda e reflexiva. Conclui-se que, apesar dos desafios impostos pela era digital, as tecnologias, se utilizadas com intencionalidade pedagógica, podem ser poderosas aliadas na construção do conhecimento e no desenvolvimento da competência leitora.

Palavras-chave: Tecnologia Digital; Leitura; Ensino Superior.

Abstract

This article investigates the impacts of digital technologies on the reading habits of students enrolled in the Pedagogy course at the Faculdade de Ensino Superior de Linhares (FACELI). Reading practice, essential for academic and critical development, has been deeply influenced by the advent of digital media, which, while democratizing access to information, also introduces new challenges such as attention fragmentation and superficial reading. The research was conducted through a questionnaire sent to all enrolled students, resulting in 21 responses. The results indicate that, although technology provides practicality and expands research sources, it also encourages dispersion, quick reading, and often the consumption of superficial content. The theoretical analysis, based on authors such as Pierre Lévy, Maryanne Wolf, and Roger Chartier, emphasizes the need for a critical view of the use of technologies in teacher training, valuing practices that stimulate deep and reflective reading. It is concluded that, despite the challenges imposed by the digital era, technologies, when used with pedagogical intentionality, can be powerful allies in knowledge construction and in the development of reading competence.

Keywords: Digital Technology; Reading; Higher Education.

1. Introdução

A prática da leitura sempre ocupou um papel relevante na formação acadêmica, intelectual e crítica dos estudantes. No ensino superior, essa competência se torna ainda mais necessária, exigindo dos alunos não apenas a decodificação de informações, mas também a capacidade de análise, interpretação e reflexão aprofundada. A leitura, nesse contexto, deixa de ser apenas uma habilidade técnica e passa a configurar-se como uma prática discursiva essencial à

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4003

construção do conhecimento e ao exercício da cidadania.

Entretanto, nas últimas décadas, o advento e a consolidação das tecnologias digitais tem modificado significativamente os hábitos de leitura, gerando transformações tanto na forma de acesso aos textos quanto nas maneiras de se relacionar com o conteúdo lido. Estudantes universitários, cada vez mais conectados, passaram a utilizar celulares, tablets e computadores como ferramentas principais para estudar, pesquisar e consumir informações diversas. Esse novo cenário levanta questionamentos importantes sobre a qualidade da leitura realizada em ambientes digitais e seus efeitos na formação acadêmica.

Com o avanço das tecnologias da informação e da comunicação, tornou-se comum o acesso rápido e amplo a conteúdos diversos por meio da internet. Essa democratização da informação proporciona novas possibilidades para a ampliação do repertório cultural e acadêmico. No entanto, ao mesmo tempo em que amplia o acesso, essa nova realidade impõe desafios significativos: a leitura em telas digitais tende a ser mais fragmentada, superficial e sujeita a distrações constantes. A sobrecarga informacional, a velocidade com que os conteúdos são consumidos e a predominância de formatos breves e visuais afetam diretamente a capacidade de concentração e o aprofundamento crítico do leitor universitário.

De acordo com a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2019), o número de leitores no país caiu de 56% para 52% da população entre 2015 e 2019. Entre os jovens de 18 a 24 anos, a falta de tempo e o uso constante de mídias digitais aparecem entre os principais motivos para a diminuição do hábito de leitura. Diante desse cenário, surge a seguinte questão: como as tecnologias digitais estão impactando os hábitos de leitura dos estudantes do curso de Pedagogia da FACELI?

Como aponta Wolf (2018), a leitura profunda, aquela que exige atenção, reflexão e capacidade de inferência, está ameaçada por padrões de leitura cada vez mais rápidos e dispersos, moldados pelas características das mídias digitais. Essa preocupação é compartilhada por diversos autores, que destacam a necessidade de desenvolver estratégias para que a tecnologia seja integrada de maneira consciente

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4003

à formação acadêmica, sem que se perca a essência da leitura crítica e analítica.

Neste contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar os impactos da tecnologia na leitura dos estudantes do curso de Pedagogia da Faculdade de Ensino Superior de Linhares (FACELI), considerando tanto os aspectos positivos quanto os negativos dessa transformação. Para isso, foi realizada uma pesquisa de campo, de caráter quantitativo e qualitativo, utilizando-se de um questionário digital. Este foi enviado a aproximadamente 241 estudantes matriculados do primeiro ao oitavo período do curso.

A fundamentação teórica que sustenta este trabalho se apoia em estudiosos que problematizam as relações entre leitura, tecnologia e formação do conhecimento. Pierre Lévy (2009) discute a reconfiguração do saber na cibercultura; Maryanne Wolf (2018) investiga as alterações cognitivas causadas pela leitura digital; Roger Chartier (1994, 1999) analisa as transformações históricas dos suportes de leitura; Luiz Antônio Marcuschi (2001) explora as especificidades do texto e da leitura no meio digital; Angela Kleiman (1995) contribui para a compreensão das práticas de letramento; além de Turcke (2010) e Vilaça (2012), que examinam os efeitos das tecnologias sobre a atenção e a cognição.

A importância deste estudo reside na tentativa de compreender como os universitários, futuros professores, lidam com a leitura no contexto digital e de refletir sobre práticas pedagógicas mais eficazes para a formação de leitores críticos. Em cursos como o de Pedagogia, a leitura é não apenas uma ferramenta de aquisição de conhecimento, mas também um instrumento importante na construção de posturas reflexivas e analíticas, que serão exigidas na futura prática docente. Quando a leitura ocorre de forma superficial, fragmentada ou apressada, há riscos concretos para a formação integral do educador.

Apesar disso, é crucial ressaltar que a tecnologia, quando utilizada com mediação pedagógica adequada e intencionalidade educativa, pode ser uma aliada no processo de formação leitora. O desafio consiste, portanto, em encontrar formas de potencializar os benefícios que as tecnologias oferecem, sem abrir mão da profundidade e da criticidade que a leitura acadêmica exige.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4003

Entender o perfil do leitor contemporâneo, acostumado a navegar por múltiplas telas e hipertextos, é uma etapa fundamental para a proposição de práticas educativas mais sintonizadas com a realidade digital. Assim, este artigo propõe uma reflexão crítica sobre a relação entre tecnologia e leitura no ensino superior, a partir dos dados empíricos obtidos na pesquisa e da interlocução com o referencial teórico selecionado. Ao compreender as percepções, dificuldades e potencialidades identificadas pelos estudantes de Pedagogia, busca-se contribuir para a construção de práticas pedagógicas mais conscientes, atualizadas e comprometidas com a formação de leitores competentes e críticos para a sociedade digital.

2. LEITURA, ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Para compreender os impactos da tecnologia na leitura no ensino superior, é essencial, primeiramente, refletir sobre os conceitos de leitura, alfabetização e letramento, situando-os historicamente e socialmente. Alfabetizar, de forma básica, refere-se ao processo de aquisição da leitura e da escrita, enquanto o letramento está relacionado ao uso dessas habilidades em práticas sociais concretas. Como explica Kleiman (1995), o letramento é um conjunto de práticas sociais que utilizam a escrita como tecnologia simbólica, em contextos específicos e para objetivos determinados. Dessa forma, a leitura extrapola a simples decodificação de palavras: ela se vincula à compreensão crítica do mundo, à construção de sentido e à participação ativa na sociedade.

Na era digital, esse cenário se transforma profundamente. A introdução de tecnologias na vida cotidiana e acadêmica impacta diretamente a maneira como os indivíduos leem, escrevem e interagem com o conhecimento. Walter Ong (1986), ao discutir a oralidade e a escrita, já apontava como os meios técnicos influenciam as formas de pensamento. Segundo ele, a escrita contribuiu para tornar o pensamento mais analítico, estruturado e abstrato. Nesse sentido, cada nova tecnologia que media a linguagem também modifica nossa forma de raciocinar, organizar informações e interpretar o mundo.

A leitura digital, em especial, exige habilidades específicas que não estavam presentes na leitura tradicional do texto impresso. A leitura em ambientes digitais geralmente

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4003

ocorre de forma não linear, marcada por hipertextos, múltiplas abas, estímulos visuais e interrupções constantes. Marcuschi (2001) destaca que a leitura na internet é caracterizada por essa não linearidade e por múltiplas possibilidades de navegação, exigindo do leitor uma atenção seletiva e grande capacidade de síntese. Isso altera profundamente o papel do leitor, que deixa de seguir uma sequência lógica e linear de ideias para se tornar um navegador de informações, transitando entre diferentes fontes e formatos.

Roger Chartier (1994), por sua vez, afirma que a leitura digital modifica a relação física e simbólica do leitor com o texto. Ao contrário do livro impresso, que possui começo, meio e fim definido, os textos digitais são instáveis, fragmentados e muitas vezes descontextualizados. Essa descontinuidade pode dificultar o aprofundamento e a compreensão integral das ideias, embora favoreça a agilidade na busca por informações e a multiplicidade de pontos de vista.

Maryanne Wolf (2018) contribui com uma visão neurológica desse fenômeno, ao afirmar que o cérebro humano, por ser plástico, adapta-se rapidamente às novas formas de leitura. No entanto, essa adaptação pode comprometer a leitura profunda, crítica e reflexiva, favorecendo modos de leitura mais apressados e superficiais. Em seus estudos, Wolf alerta que o hábito de pular de texto em texto, típico da navegação digital, reduz a capacidade de retenção de informações e dificulta a formação de vínculos mais complexos com os conteúdos lidos.

Por outro lado, não se podem ignorar os benefícios trazidos pelas tecnologias. A possibilidade de acesso rápido e amplo a materiais diversos, a democratização do conhecimento, a flexibilidade de horários e locais para leitura e estudo são avanços importantes. Pierre Lévy (2009) argumenta que os meios digitais ampliaram a frequência com que as pessoas leem e compartilham informações, criando novas comunidades de leitura e colaboração intelectual. Essa transformação pode se bem orientada, tornar o processo de letramento mais dinâmico e contextualizado.

Entretanto, o uso constante das tecnologias digitais também apresenta desafios que não podem ser negligenciados. Estudantes universitários, imersos em um ambiente repleto de estímulos, frequentemente relatam dificuldades de concentração, cansaço

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4003

visual e ansiedade ao realizarem leituras prolongadas em telas. Turcke (2010) define a sociedade contemporânea como uma “sociedade excitada”, onde a fragmentação da atenção e a busca incessante por novidades tornam difícil à imersão em textos mais densos. Vilaça (2012) acrescenta que os leitores digitais tendem a praticar uma leitura de escaneamento, pulando partes dos textos, o que compromete a compreensão global e crítica dos conteúdos, algo preocupante, sobretudo na formação superior, que exige pensamento aprofundado.

Nesse sentido, é preciso reconhecer que a tecnologia, por si só, não é nem boa nem ruim: ela é uma ferramenta. Seu impacto depende diretamente de como é utilizada. Para que a leitura digital seja um instrumento de formação, e não de dispersão, é necessário desenvolver estratégias pedagógicas que incentivem a leitura crítica, promovam a mediação docente e estimulem o uso consciente dos recursos tecnológicos. É essencial formar leitores que saibam avaliar a confiabilidade das fontes, organizar suas leituras e resistir à lógica da superficialidade.

Portanto, compreender os efeitos da tecnologia na leitura exige mais do que descrever mudanças técnicas: requer uma análise crítica das implicações sociais, cognitivas e educacionais desse novo cenário. Somente assim será possível transformar os desafios impostos pela era digital em oportunidades reais para a educação e para a formação de sujeitos mais autônomos e reflexivos.

3. LETRAMENTO, INCLUSÃO DIGITAL E OS DESAFIOS DA EQUIDADE NO ACESSO Á INFORMAÇÃO.

As transformações promovidas pela tecnologia no campo da educação e da leitura não se dão de maneira uniforme ou isenta de contradições. Embora o avanço tecnológico tenha potencializado o acesso à informação, democratizado o conhecimento e modificado profundamente os modos de ler e aprender, é imprescindível considerar que tais benefícios não alcançam todas as camadas sociais da mesma forma. Em um país marcado por profundas desigualdades

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4003

socioeconômicas, como o Brasil, o acesso às ferramentas digitais ainda é um privilégio de parte da população.

Segundo Castells (1999), a exclusão digital configura-se como uma nova e preocupante forma de desigualdade social, ao limitar o acesso ao conhecimento, à educação e à participação cultural plena. Em outras palavras, não basta apenas que as tecnologias estejam disponíveis: é necessária que haja condições reais de acesso, com infraestrutura adequada, internet de qualidade e dispositivos funcionais, e também formação crítica para seu uso. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021) reforçam essa realidade, ao apontar que milhões de brasileiros ainda enfrentam sérias dificuldades para acessar a internet em condições satisfatórias, o que compromete atividades acadêmicas e leituras digitais que exigem conectividade estável e contínua.

Nesse sentido, o papel das instituições de ensino superior torna-se ainda mais relevante. É fundamental que elas promovam políticas de inclusão digital que não apenas disponibilizem equipamentos e redes, mas que também considerem a formação crítica dos estudantes para o uso ético, reflexivo e produtivo das tecnologias. Isso envolve desde a mediação pedagógica para o uso consciente da leitura digital até ações estruturais que garantam a equidade no ambiente acadêmico.

Ao tratar da alfabetização e do letramento, Kleiman (1995) ressalta a importância de compreender que esses conceitos, embora distintos, se complementam. A alfabetização diz respeito à aquisição das habilidades básicas de leitura e escrita, enquanto o letramento refere-se ao uso social dessas práticas. É o letramento que, de fato, permite ao indivíduo agir criticamente no mundo letrado e digital em que vivemos.

> A alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. A alfabetização pertence, assim, ao âmbito do individual. O letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita. Entre outros casos, procura estudar e descrever o que ocorre nas sociedades quando adotam um sistema de escritura de maneira restrita ou generalizada; procura ainda saber quais práticas psicossociais substituem as práticas “letradas” em sociedades ágrafas. (Kleiman 1988, p. 9, e 1995, p. 9-10).

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4003

Com o avanço das tecnologias, as práticas de leitura e escrita passaram a ocorrer também em ambientes virtuais, exigindo dos sujeitos, novas habilidades. O letramento digital, portanto, não pode ser visto como mera extensão do letramento tradicional, mas sim como uma reconfiguração das formas de interação com o texto e com o conhecimento. Como observa Heath (1982, p. 93), “um evento de letramento é qualquer situação em que um portador qualquer de escrita é parte integrante da natureza das interações entre os participantes e de seus processos de interpretação”.

Dessa forma, é evidente que a leitura e o letramento, no contexto digital, transcendem a dimensão técnica. Eles se configuram como processos sociais, políticos e culturais, que envolvem o acesso, a compreensão e a produção crítica da informação. Garantir que todos os estudantes tenham condições de participar ativamente desses processos é um dos grandes desafios, e responsabilidades, da educação superior contemporânea.

Compreender os processos de letramento na era digital exige, portanto, mais do que reconhecer o papel das tecnologias como ferramentas de mediação; é necessário também analisar os impactos dessas mudanças nos modos de ler, escrever e aprender. A seguir, aprofundaremos a discussão sobre os efeitos concretos da leitura digital, tanto em termos cognitivos quanto pedagógicos, destacando os benefícios e os desafios que ela impõe aos estudantes universitários e aos futuros profissionais da educação.

Com essas reflexões sobre inclusão e acesso, passamos agora a analisar como essas mudanças impactam diretamente os processos cognitivos e pedagógicos da leitura digital.

4. BENEFÍCIOS, DESAFIOS COGNITIVOS E IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS.

A leitura, prática milenar que sempre esteve atrelada à evolução do conhecimento humano, passou por transformações significativas nas últimas décadas com a ascensão das tecnologias digitais. O livro impresso, durante séculos, considerado o principal suporte do saber, hoje divide espaço com dispositivos como smartphones,

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4003

tablets e computadores, que oferecem acesso instantâneo a uma infinidade de conteúdos. Essa transição de formato trouxe inúmeras vantagens, mas também desafios consideráveis, sobretudo no que diz respeito à qualidade da leitura e à forma como ela é experienciada por diferentes leitores.

A leitura digital é marcada pela praticidade, pela portabilidade e pela possibilidade de acessar conteúdos diversos em tempo real. Entretanto, ela exige habilidades cognitivas distintas daquelas demandadas pela leitura linear tradicional. Como afirma Marcuschi (2001), a leitura na internet é essencialmente não linear, ou seja, ocorre em um ambiente hipertextual, no qual o leitor salta entre links, vídeos e imagens. Essa fragmentação pode enriquecer a experiência, mas, ao mesmo tempo, exige níveis mais elevados de atenção seletiva, concentração e capacidade crítica, habilidades nem sempre desenvolvidas plenamente.

Essa preocupação é reforçada por Kenski (2007), que alerta que o uso da tecnologia em contextos educacionais precisa ser intencional e mediado por práticas pedagógicas bem estruturadas. A simples presença da tecnologia em sala de aula ou no cotidiano acadêmico não garante, por si só, aprendizagem significativa. Pelo contrário, sem orientação adequada, os recursos digitais podem favorecer uma leitura apressada, superficial e guiada mais pela quantidade de informação do que pela qualidade da compreensão.

Nicholas Carr (2011) vai além ao afirmar que o cérebro humano, ao se adaptar à lógica da leitura digital, tende a operar de forma mais rápida e fragmentada, o que reduz a capacidade de concentração prolongada e de análise profunda. Segundo o autor, essa reconfiguração neurológica tem efeitos diretos sobre a forma como o conhecimento é assimilado, especialmente em ambientes acadêmicos que demandam reflexão crítica e argumentação elaborada.

Por outro lado, é inegável que as mídias digitais também ampliam a participação ativa dos leitores. Xavier (2005) observa que os gêneros digitais promovem maior liberdade na expressão escrita, permitindo que os leitores se tornem também autores, seja por meio de blogs, fóruns ou redes sociais. Essa interação em tempo real contribui para o

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4003

desenvolvimento de novas formas de linguagem e construção de sentido, o que enriquece o processo comunicativo contemporâneo.

Contudo, o acesso às tecnologias e à leitura digital ainda é desigual. Muitos estudantes universitários, especialmente os de baixa renda, não dispõem de dispositivos adequados ou de conexão estável à internet, o que compromete sua inclusão digital e, por consequência, sua participação plena nas atividades acadêmicas. Isso reforça a necessidade de políticas públicas voltadas à democratização do acesso e à formação crítica para o uso das mídias. Como destaca o primeiro trecho desta seção, o avanço tecnológico só se torna efetivamente positivo quando acompanhado de planejamento, intencionalidade pedagógica e equidade.

O professor, nesse contexto, desempenha um papel essencial. É sua responsabilidade mediar o contato dos alunos com os textos digitais, promovendo práticas de leitura que desenvolvam não apenas a capacidade técnica de decodificação, mas principalmente a compreensão crítica e a reflexão ética sobre o conteúdo lido. Como lembra Jorge Luis Borges (2011, p. 11), “o livro é uma extensão da memória e da imaginação humana”. Mesmo em tempos de predominância digital, o valor do livro físico e da leitura concentrada permanece relevante, sobretudo como contraponto ao imediatismo e à dispersão das telas.

Complementando essa visão, Buzato (2006) defende que a leitura digital deve ser acompanhada de estratégias pedagógicas que estimulem o pensamento crítico. O acesso à informação, por si só, não garante aprendizado significativo. É necessário formar leitores que saibam comparar fontes, questionar conteúdos e construir saberes a partir da leitura, seja ela realizada em papel ou em tela.

Dessa forma, a leitura digital deve ser entendida não como inimiga do aprendizado, mas como uma ferramenta potente que, se bem utilizada, pode ampliar horizontes e democratizar o acesso ao conhecimento. Cabe aos educadores e às instituições de ensino garantir que esse processo ocorra com responsabilidade, criticidade e compromisso com a formação plena dos estudantes.

5. TECNOLOGIA, INCLUSÃO DIGITAL E FORMAÇÃO DE DOCENTE: DESAFIOS

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.10, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4003

PARA A LEITURA CRÍTICA

A presença da tecnologia nos ambientes educativos transformou radicalmente as práticas de leitura e aprendizagem. No entanto, ao mesmo tempo em que amplia as possibilidades de acesso à informação e proporciona recursos inovadores para o ensino, a tecnologia também escancara desigualdades estruturais que dificultam a democratização do conhecimento. Essas disparidades, muitas vezes invisibilizadas nos discursos otimistas sobre o progresso digital, impõem obstáculos reais à formação de leitores críticos e autônomos, especialmente no ensino superior.

A leitura digital exige não apenas familiaridade com dispositivos eletrônicos, mas também competências específicas para lidar com textos multimodais, hipertextuais e fragmentados. Contudo, o acesso a esses recursos está longe de ser equitativo. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021), milhões de brasileiros ainda vivem em regiões sem conectividade adequada ou com baixa qualidade de internet, o que compromete atividades básicas como leitura online, pesquisa acadêmica e participação em ambientes virtuais de aprendizagem. A carência de infraestrutura tecnológica é acompanhada por uma falta de dispositivos adequados, muitos estudantes utilizam celulares antigos ou com pouca capacidade de armazenamento como principal ferramenta de estudo, o que limita o acesso pleno à leitura digital.

Esse quadro de exclusão digital reforça a ideia de Castells (1999) de que vivemos uma nova forma de desigualdade social, marcada pelo abismo entre aqueles que têm acesso à informação e os que permanecem à margem das tecnologias. Para o autor, o acesso às redes digitais se tornou um fator determinante para o capital cultural e econômico dos indivíduos. Assim, estudantes que não conseguem participar plenamente das dinâmicas digitais acabam sendo duplamente excluídos: da tecnologia e do conhecimento.

Diante dessa realidade, a simples presença de tecnologia nas instituições de ensino não é suficiente para promover avanços reais. É preciso garantir políticas públicas que assegurem o acesso universal à internet e aos dispositivos, mas também promover

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4003

formação docente qualificada, que prepare os professores para mediar criticamente o uso das tecnologias no processo de leitura e aprendizagem.

Como destaca Buzato (2006), os letramentos digitais não se restringem ao domínio técnico. É necessário desenvolver nos professores a capacidade de orientar seus alunos na navegação consciente e crítica por entre os múltiplos textos e formatos presentes nas plataformas digitais. Isso inclui ensinar os estudantes a selecionar informações, interpretar conteúdos multimodais, desconfiar de fontes duvidosas e construir conhecimento com base em leitura ativa e reflexiva.

Além disso, a formação docente precisa considerar as diferentes realidades de acesso à tecnologia que coexistem dentro da mesma sala de aula. Há estudantes que já dominam com facilidade os recursos digitais e navegam com fluência entre plataformas, enquanto outros ainda enfrentam dificuldades básicas de acesso e leitura. A formação dos professores, portanto, deve incluir a capacidade de reconhecer essas desigualdades e planejar estratégias de inclusão pedagógica, evitando reforçar desigualdades já existentes.

Nesse sentido, Kenski (2007) afirma que o professor contemporâneo deve ser também um pesquisador de sua própria prática, atento às mudanças culturais e sociais que atravessam o cotidiano escolar. Isso significa repensar não apenas as ferramentas que se utilizam em sala, mas também o modo como essas ferramentas são empregadas e com que objetivos. A tecnologia não deve ser tratada como um fim em si mesmo, mas como um meio para promover aprendizagens significativas e formar leitores críticos e éticos.

Cabe, então, às instituições formadoras de professores, especialmente os cursos de licenciatura, como o de Pedagogia, assumir a responsabilidade de preparar os futuros docentes para os desafios da leitura digital. Isso implica inserir nos currículos disciplinas que abordem práticas de leitura mediadas por tecnologia, explorar gêneros digitais, estudar as características da leitura hipertextual e, sobretudo, refletir sobre o papel do professor como mediador e orientador da leitura em ambientes digitais.

Em suma, a tecnologia, embora repleta de potencial, não substitui a mediação docente nem resolve, por si só, os desafios da educação contemporânea. Seu uso eficaz na

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4003

promoção da leitura depende da superação das desigualdades de acesso, do planejamento pedagógico intencional e da formação de professores capazes de integrar criticamente os recursos digitais à prática educativa. A leitura, seja em papel ou na tela, permanece sendo uma ferramenta de emancipação intelectual e cidadã, desde que acompanhada por políticas educacionais comprometidas com a equidade e a justiça social. Mais do que nunca, formar leitores críticos significa formar cidadãos capazes de transformar a sociedade, online e offline.

6. METODOLOGIA

Este estudo se caracterizou como uma pesquisa de abordagem quanti-qualitativa, de natureza descritiva, cuja finalidade foi analisar o impacto das tecnologias digitais nos hábitos de leitura dos estudantes do curso de Pedagogia da Faculdade de Ensino Superior de Linhares (FACELI).

A pesquisa foi realizada por meio da aplicação de um questionário online, elaborado na plataforma Google Forms, com perguntas objetivas e abertas. O instrumento de coleta de dados foi desenvolvido com o intuito de investigar as percepções, comportamentos e dificuldades dos estudantes em relação à leitura acadêmica mediada pelas tecnologias digitais.

O público-alvo da pesquisa foi composto por todos os estudantes regularmente matriculados no curso de Pedagogia da FACELI, abrangendo alunos do primeiro ao oitavo período. Segundo informações fornecidas pela coordenação do curso, o número total de estudantes era de aproximadamente 241. O questionário foi disponibilizado aos discentes por meio do envio de um link, encaminhado inicialmente à coordenadora do curso, que, por sua vez, o repassou aos líderes de turma de cada período, responsáveis por disseminar o formulário entre os colegas.

Apesar do número expressivo de estudantes convidados a participar da pesquisa, obteve-se um total de apenas 21 respostas válidas. A baixa taxa de adesão, representando aproximadamente 8,7% do total de alunos matriculados, é um dado relevante para a análise dos resultados, podendo indicar fatores como desinteresse,

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4003

sobrecarga de atividades acadêmicas, resistência ao preenchimento de formulários online ou dificuldade em perceber a importância da pesquisa para a reflexão sobre a própria formação acadêmica.

O questionário aplicado contemplava questões relacionadas aos seguintes eixos temáticos: (i) frequência e suporte da prática de leitura (livro impresso, e-book, internet); (ii) percepção dos estudantes sobre o impacto da tecnologia em seus hábitos de leitura; (iii) dificuldades enfrentadas na leitura de textos acadêmicos em ambiente digital; (iv) vantagens percebidas na utilização da tecnologia para fins de leitura acadêmica; e (v) sugestões para melhorar a qualidade da leitura no contexto universitário.

Os dados obtidos foram tratados de maneira descritiva, sendo apresentados em forma de gráficos e tabelas para facilitar a visualização dos resultados. A análise das respostas buscou ir além da descrição estatística, promovendo uma reflexão crítica a partir das categorias emergentes e relacionando os achados com a fundamentação teórica construída para o estudo.

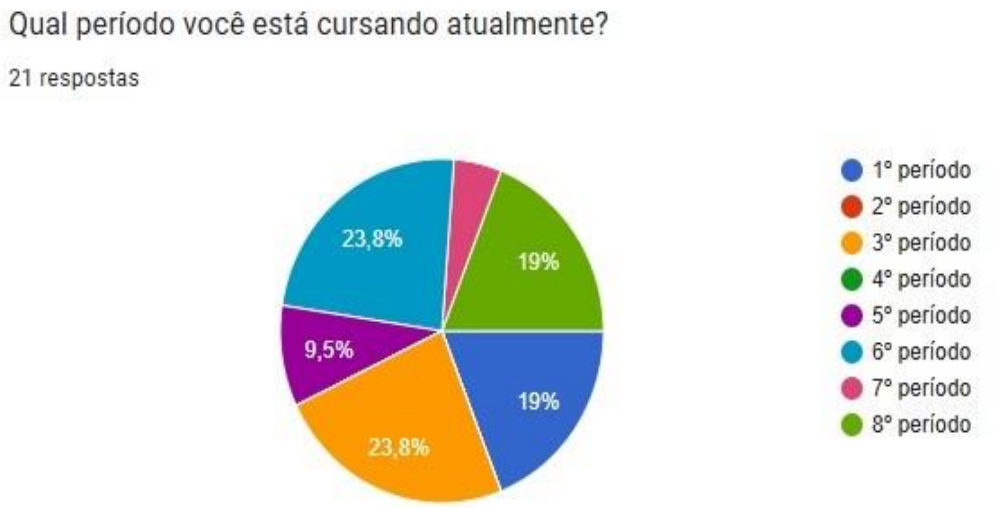
Por tratar-se de uma pesquisa que envolveu a participação voluntária de estudantes, foi assegurado o anonimato dos respondentes e o respeito aos princípios éticos da pesquisa acadêmica.

Dessa maneira, a metodologia adotada procurou aliar rigor científico e sensibilidade para captar, a partir das respostas dos estudantes, um panorama representativo dos impactos que as tecnologias digitais vêm provocando na formação de leitores no ensino superior, especialmente no curso de Pedagogia.

7. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Questões objetivas:

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.10, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4003



Distribuição das porcentagens: **1º período:** 19% (4 alunos); **2º período:** 0% (nenhum aluno); **3º período:** 23,8% (5 alunos); **4º período:** 0% (nenhum aluno); **5º período:** 9,5% (2 alunos); **6º período:** 23,8% (5 alunos); **7º período:** 4,8% (1 aluno) e **8º período:** 19% (4 alunos).

A distribuição das respostas mostra uma representatividade significativa dos estudantes do 3º e 6º períodos, cada um com 23,8% dos respondentes. Também há uma boa participação dos alunos do 1º e 8º períodos (19% cada). Essa composição é relevante, pois inclui tanto estudantes em início de curso quanto aqueles próximos da conclusão, permitindo comparações interessantes sobre como a tecnologia afeta os hábitos de leitura em diferentes fases da formação.

A ausência completa de respostas dos 2º e 4º períodos pode indicar desinteresse, ausência de engajamento com a pesquisa ou, possivelmente, dificuldades de comunicação com essas turmas, o que também levanta questões sobre a eficácia dos meios digitais utilizados para divulgar o questionário. Esses vazios, por si só, refletem um dado importante: a descontinuidade no engajamento de estudantes em certos momentos do curso.

Outro ponto que chama atenção é a baixa participação do 5º e 7º períodos, com apenas 2 e 1 aluno(s), respectivamente. Isso limita a análise longitudinal e pode indicar um afastamento desses estudantes das práticas reflexivas proposta pela pesquisa, seja por cansaço acadêmico, desmotivação ou sobrecarga.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.10, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4003



Distribuição das porcentagens: **Livros impressos**: 19% (4 alunos); **Dispositivos digitais (celular, tablet, Kindle)**: 28,6% (6 alunos) e **Ambos igualmente**: 52,4% (11 alunos)

A maioria dos estudantes (mais da metade) indica um uso equilibrado entre materiais impressos e digitais, o que demonstra **adaptação híbrida** aos formatos de leitura. Isso reflete uma realidade contemporânea, em que a tecnologia se apresenta como aliada, sem eliminar o valor do impresso. O fato de que apenas 19% priorizam o livro físico confirma que o digital está firmemente inserido na rotina acadêmica, mesmo que ainda coexistindo. Esse dado reforça a necessidade de políticas educacionais que ofereçam suporte a ambos os formatos, respeitando as preferências e condições de cada estudante.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.10, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4003



Distribuição das porcentagens: **Papel impresso**: 71,4% (15 alunos); **Arquivos digitais**: 9,5% (2 alunos) e **Ambos**: 19% (4 alunos).

Apesar da flexibilidade observada na questão anterior, quando se trata de estudo acadêmico, a preferência é fortemente voltada para o papel. Isso sugere que, mesmo em um contexto de avanço tecnológico, o material impresso ainda é considerado mais eficaz para compreensão, anotação e concentração. Esse resultado aponta para um paradoxo: os estudantes utilizam recursos digitais por conveniência, mas ainda confiam no impresso para atividades intelectualmente exigentes. Para o futuro docente, essa informação é essencial na hora de pensar metodologias de ensino que equilibram praticidade com eficiência cognitiva.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.10, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4003



Distribuição das porcentagens: **Sim**: 47,6% (10 alunos); **Não**: 23,8% (5 alunos) e **Tenho interesse, mas não tenho acesso**: 28,6% (6 alunos).

Menos da metade dos respondentes possui um dispositivo adequado, o que evidencia uma desigualdade no acesso às ferramentas de leitura digital de qualidade. É preocupante o número de alunos que têm interesse, mas não consegue adquirir esses dispositivos, o que escancara uma limitação estrutural que pode comprometer o desempenho acadêmico, especialmente no ensino remoto ou híbrido. Este dado destaca a necessidade de políticas institucionais voltadas à inclusão digital e à democratização da tecnologia no ensino superior.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4003



Distribuição das porcentagens: **Sim, tranquilamente**: 9,5% (2 alunos); **Sim, mas com dificuldades**: 66,7% (14 alunos) e **Não**: 23,8% (5 alunos).

Esse é um dado crítico: apenas dois estudantes se dizem plenamente capazes de adquirir dispositivos digitais sem comprometimento financeiro. A vulnerabilidade socioeconômica é um fator real e limitante no processo de inserção tecnológica. Para a formação de professores, isso pode significar uma defasagem em relação às demandas da BNCC e das diretrizes que exigem competência digital. A universidade e o poder público precisam considerar estratégias de financiamento, empréstimos ou subsídios para que os estudantes tenham igualdade de oportunidades no acesso à tecnologia.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.10, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4003



Distribuição das porcentagens: **Sim, é confortável ler pelo celular**: 23,8% (5 alunos); **Leio, mas não é o ideal**: 57,1% (12 alunos) e **Não, prefiro outros dispositivos**: 19% (4 alunos).

Mais da metade dos alunos usa o celular mesmo sem conforto ideal. Isso mostra que o celular tem sido uma solução prática, porém limitada**,** tanto em ergonomia quanto em rendimento. A predominância dessa prática pode impactar a qualidade da leitura, favorecendo a dispersão, o cansaço visual e a perda de foco. Essa situação também revela um ponto importante: o uso da tecnologia não se resume à presença de dispositivos, mas à adequação e à qualidade do acesso**.**

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.10, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4003



Distribuição das porcentagens: **Sim, totalmente**: 33,3% (7 alunos); **Parcialmente**: 57,1% (12 alunos) e **Não**: 9,5% (2 alunos).

Quase todos os alunos adotaram o digital como substituto (em parte ou totalmente). Isso demonstra que a transição para o digital já é uma realidade prática, ainda que, como já apontado anteriormente, nem sempre seja por preferência e sim por necessidade. O número de alunos que abandonaram totalmente os impressos ainda é relativamente baixo, o que confirma o apego pedagógico e simbólico ao livro físico. Para a prática docente, essa transição parcial indica que o professor precisará lidar com diferentes perfis de leitor e preparar conteúdos acessíveis a todos os formatos.

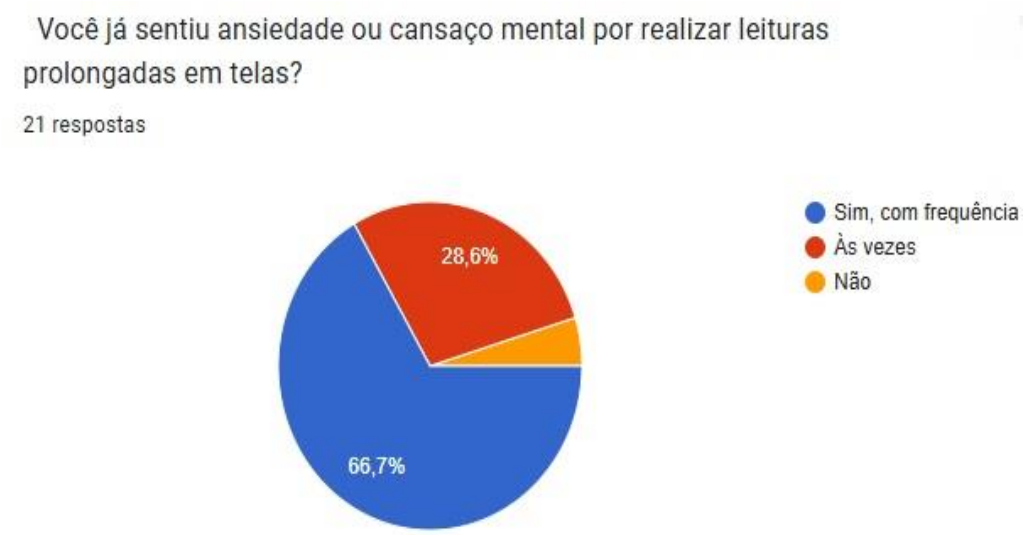
Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.10, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4003



Distribuição das porcentagens: **Sim, sinto muita dificuldade de foco**: 23,8% (5 alunos); **Um pouco, depende do ambiente**: 71,4% (15 alunos) e **Não, consigo me concentrar bem**: 4,8% (1 aluno).

A dificuldade de concentração com leitura digital é um desafio para a maioria dos estudantes, ainda que em diferentes níveis. O ambiente e a forma de uso influenciam bastante. Esse dado alerta para a importância de ensinar competências de autorregulação e foco digital. No contexto de formação de professores, isso se reflete em uma necessidade urgente de discutir com os alunos estratégias para mediar o uso de tecnologias de forma saudável e produtiva, tanto para eles quanto para seus futuros alunos.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.10, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4003



Distribuição das porcentagens: **Sim, com frequência**: 66,7% (14 alunos); **Às vezes**: 28,6% (6 alunos) e **Não**: 4,8% (1 aluno).

Esse é um alerta claro: ler por muito tempo em dispositivos digitais causa exaustão mental na grande maioria dos estudantes. A leitura digital, especialmente sem pausas, ergonomia ou organização adequada, pode agravar sintomas de estresse e ansiedade. Isso reforça a necessidade de trabalhar práticas saudáveis de uso da tecnologia na formação docente, incluindo pausas, métodos de leitura ativa e até intervenções institucionais voltadas à saúde mental dos discentes.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.10, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4003



Distribuição das porcentagens: **Sim, com acompanhamento e orientação pedagógica**: 52,4% (11 alunos); **Em partes, dependendo do contexto da escola**: 42,9% (9 alunos) e **Não, acredito que o livro físico ainda é mais eficaz** : 4,8% (1 aluno).

A maioria esmagadora dos estudantes reconhece a importância da tecnologia na leitura, desde que usada com orientação pedagógica. Esse dado é altamente positivo e demonstra consciência crítica sobre o papel da tecnologia na educação, afastando a ideia de substituição cega do impresso pelo digital. Há também sensibilidade em relação às condições reais das escolas, muitas vezes carentes de estrutura. Isso mostra que os futuros professores valorizam a mediação docente, a equidade de acesso e a contextualização como pilares para o uso pedagógico da tecnologia.

Questões Discursivas:

“Quais vantagens ou desvantagens você enxerga na substituição dos livros impressos pelas plataformas digitais?”

As respostas revelam um panorama diversificado sobre a substituição dos livros impressos pelas plataformas digitais, e, ao analisá-las, é possível perceber tanto um avanço quanto desafios significativos. A maioria dos estudantes reconhece como principal vantagem à acessibilidade, seja pela facilidade de acesso, pela praticidade

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4003

ou pela portabilidade dos livros digitais. Esse ponto é coerente com a realidade de muitos alunos da Pedagogia, que conciliam estudos com trabalho e afazeres domésticos, e encontram nos dispositivos eletrônicos uma forma mais ágil de continuar lendo mesmo com uma rotina atribulada.

No entanto, ao mesmo tempo em que se valoriza a acessibilidade, surgem críticas recorrentes relacionadas à qualidade da experiência de leitura. Muitos mencionam a distração causada pelas notificações, à dificuldade de concentração, a fadiga visual e a perda da experiência tátil e sensorial proporcionada pelo livro físico. Um ponto que nos chama a atenção e que reforçamos em nossa análise crítica é o fato de que, embora a tecnologia facilite o acesso, ela também pode enfraquecer a profundidade da leitura e reduzir a retenção da informação, como bem apontado por uma das participantes.

Ainda mais preocupante é perceber que, para alguns alunos, a leitura em plataformas digitais é feita apenas por obrigação, sem prazer, o que demonstra um distanciamento afetivo com a prática leitora. Isso nos leva a refletir que a tecnologia, sozinha, não resolve os problemas de formação leitora, ela precisa ser mediada com intencionalidade pedagógica.

Além disso, surgem críticas importantes sobre a desigualdade no acesso. Ainda que muitos tenham celulares, isso não significa que todos possuam dispositivos adequados ou acesso contínuo à internet. Portanto, defender a substituição total do livro físico pelo digital é simplista e ignora os contextos sociais e econômicos diversos dos estudantes.

Portanto, embora reconheçamos os benefícios das plataformas digitais, acreditamos que a leitura em formato físico ainda exerce papel fundamental na formação leitora profunda, crítica e reflexiva. A tecnologia deve ser vista como um recurso complementar e não substitutivo. A escolha entre digital e impresso deve considerar não apenas a praticidade, mas também aspectos pedagógicos, emocionais e de equidade.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4003

“Como futuro (a) educador (a), de que forma você pretende lidar com o uso de tecnologias digitais no incentivo à leitura dos seus alunos?”

As respostas a essa pergunta nos revelam um posicionamento relativamente aberto por parte dos estudantes em relação ao uso das tecnologias digitais como ferramenta para o incentivo à leitura, o que consideramos positivo e coerente com os desafios da educação contemporânea. Muitos futuros professores afirmam que pretendem incorporar recursos digitais como vídeos, e-books, podcasts e até jogos educativos, o que demonstra uma tentativa de tornar a leitura mais atrativa e próxima do universo dos alunos.

Entretanto, chama a atenção o fato de que algumas respostas ainda demonstram insegurança ou falta de clareza sobre como, de fato, utilizar a tecnologia de forma estratégica. Isso evidencia uma lacuna na formação docente, que precisa preparar melhor o educador para utilizar as ferramentas digitais de maneira criativa, crítica e consciente. Como futuras educadoras, nós também reconhecemos essa necessidade de formação continuada, pois a tecnologia, se usada sem planejamento pedagógico, pode acabar tendo efeito contrário ao desejado: reforçar distrações e desinteresse.

Outro ponto que nos parece essencial destacar é a recorrente defesa de um uso equilibrado entre o digital e o impresso. Muitos estudantes afirmam que pretende incentivar tanto os livros físicos quanto os digitais, o que vai ao encontro da nossa visão: acreditamos que a prática da leitura precisa ser plural, adaptando-se às diferentes realidades dos alunos, respeitando seus estilos de aprendizagem e interesses diversos. A leitura não deve estar restrita a um único suporte, ela deve acontecer em diversos formatos e linguagens, promovendo múltiplas formas de encantamento com o texto.

Concordamos especialmente com as respostas que apontam a necessidade de usar a tecnologia como mediadora de experiências significativas, capazes de fomentar não apenas a leitura, mas também a criatividade, o senso crítico e a autoria dos alunos. Em nossa visão, o papel do educador é ser um curador de conteúdos e experiências, orientando o uso das ferramentas digitais para que sirvam como pontes para o conhecimento, e não como obstáculos à concentração e ao pensamento reflexivo.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4003

Dessa forma, reiteramos: a tecnologia deve ser aliada e não substituta da mediação docente. A formação de leitores críticos exige que o professor saiba escolher as melhores ferramentas, digitais ou não, para cada realidade, projeto ou objetivo pedagógico.

8 CONCLUSÃO

A pesquisa realizada com estudantes do curso de Pedagogia da Faculdade de Ensino Superior de Linhares (FACELI) proporcionou uma reflexão aprofundada sobre os impactos da tecnologia digital nos hábitos de leitura acadêmica. Embora a amostra tenha sido composta por apenas 21 participantes, em um universo de 241 alunos, os dados obtidos revelam indícios relevantes sobre as práticas de leitura dos futuros pedagogos, imersos em um contexto de intensa digitalização e ampla oferta de informação.

Constatou-se que as tecnologias digitais, embora tenham democratizado o acesso ao conhecimento e ampliado significativamente as possibilidades de estudo, também impõem desafios importantes à qualidade da leitura no contexto universitário. Os estudantes reconhecem, por um lado, as vantagens do acesso rápido, da facilidade de armazenamento e da praticidade dos conteúdos digitais; por outro, apontam dificuldades como a dispersão causada pelos múltiplos estímulos das telas, a perda de concentração e a tendência à leitura superficial e fragmentada.

Esses achados corroboram as preocupações levantadas por estudiosos como Maryanne Wolf (2018), Pierre Lévy (2009) e Luiz Antônio Marcuschi (2001), que alertam sobre as transformações cognitivas provocadas pelo excesso de estímulos digitais e pelo declínio da leitura aprofundada. No ambiente acadêmico, onde se espera a formação de leitores críticos, reflexivos e analíticos, os desafios associados à leitura digital não podem ser ignorados.

Além dos aspectos cognitivos e comportamentais, a pesquisa também evidenciou outro ponto crucial: a desigualdade de acesso às tecnologias. Muitos estudantes enfrentam limitações quanto à qualidade da conexão com a internet, ao uso de dispositivos obsoletos ou compartilhados com familiares, e à ausência de ambientes

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4003

adequados para o estudo. Essa realidade afeta diretamente não apenas a frequência e a qualidade da leitura acadêmica, mas também o desempenho acadêmico de forma geral. Em um cenário onde se pressupõe conectividade constante, essas barreiras reforçam desigualdades já existentes e dificultam o pleno aproveitamento das oportunidades educacionais.

Nesse sentido, a formação dos futuros professores deve considerar, de forma consciente e crítica, as diferentes realidades dos estudantes com os quais atuarão. A mediação pedagógica precisa estar atenta tanto às oportunidades quanto aos limites do uso das tecnologias, buscando estratégias que promovam a inclusão digital de forma ética e responsável. Pensar em práticas de leitura acessíveis, em projetos que utilizem recursos de baixo custo e em políticas públicas que ampliem o acesso tecnológico é também papel dos educadores comprometidos com a justiça social.

A baixa adesão à pesquisa também se configura como dado relevante. A pouca participação pode refletir tanto a dificuldade de engajamento em atividades acadêmicas online quanto uma sobrecarga informacional que leva à priorização de tarefas imediatas em detrimento de processos reflexivos. Esse comportamento, em si, já é um reflexo da cultura digital contemporânea, marcada pela velocidade, pelo consumo fragmentado de conteúdos e pela constante distração.

Diante desse cenário, torna-se urgente repensar as práticas pedagógicas adotadas nos cursos de formação de professores. É necessário ir além do uso instrumental das tecnologias, adotando uma postura crítica e sensível à diversidade de condições socioeconômicas dos estudantes. A formação docente precisa incluir discussões sobre inclusão digital, letramento midiático e o papel das tecnologias na mediação do conhecimento.

A tecnologia, quando integrada de forma planejada e consciente ao processo educativo, pode enriquecer as experiências de leitura e promover novas formas de acesso ao saber. Entretanto, seu uso acrítico ou desmedido pode acentuar desigualdades e agravar problemas como a superficialidade da leitura, a dispersão cognitiva e o desinteresse acadêmico.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4003

O presente estudo conclui que o impacto da tecnologia sobre a leitura acadêmica é ambíguo: se, por um lado, proporciona inegáveis avanços e democratização do conhecimento, por outro, exige dos leitores maior autonomia, disciplina, discernimento e, sobretudo, condições materiais mínimas para que a aprendizagem ocorra de forma plena. Cabe às instituições de ensino superior assumir um papel ativo na mediação desse processo, promovendo uma cultura leitora que equilibre tradição e inovação, ao mesmo tempo em que combate a exclusão digital.

Por fim, a experiência investigativa aqui apresentada reforça que a tecnologia não é, em si, um obstáculo à leitura de qualidade. O verdadeiro desafio está em como ela é utilizada, e, principalmente, em como os educadores são preparados para lidar com os múltiplos contextos em que a leitura acontece. O futuro da leitura crítica depende diretamente de políticas pedagógicas que aliem intencionalidade, formação contínua dos docentes e incentivos às práticas leitoras consistentes e inclusivas.

Para pesquisas futuras, recomenda-se a ampliação do número de participantes, bem como o uso de metodologias qualitativas complementares, como entrevistas em profundidade ou grupos focais, que permitam compreender com maior riqueza as vivências dos estudantes diante das tecnologias e seus efeitos sobre a leitura acadêmica. Estudos comparativos entre cursos, instituições e faixas etárias também podem contribuir para um panorama mais abrangente sobre o tema.

A formação de leitores críticos, atentos, reflexivos e socialmente conscientes deve seguir como prioridade nas instituições de ensino superior, especialmente em cursos como o de Pedagogia, onde se formam os profissionais que terão o desafio de transmitir, às novas gerações, o valor da leitura, em páginas impressas ou em telas digitais, mas sempre como caminho para a autonomia e para a transformação social.

Referências:

BUZATO, Marcelo El Khouri. Letramento digital: desafios pedagógicos e reflexões sobre a formação do professor. 2006.

BUZATO, Marcelo El Khouri. Letramentos digitais e formação de professores. São Paulo: Portal EducaRede, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/242229367_Letramentos_Digitais_e_Formacao_de_Professores. Acesso em: 17 abr. 2025.

CARR, Nicholas. The shallows: what the Internet is doing to our brains. New York: W. W. Norton & Company, 2011.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura. Vol. 1. Tradução de Roneide Venâncio Majer; Jussara Simões. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARTIER, Roger. A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora UnB, 1994.

CHARTIER, Roger. Do códex à tela: as trajetórias do escrito. In: CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII.* Brasília: Editora UnB, 1994. p. 95–110.

CHARTIER, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

FERRARO, Anamaria. Escola e produção do analfabetismo no Brasil. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 5–20, jul./dez. 1987.

FLICKINGER, Hans-Georg. A caminho de uma pedagogia hermenêutica. Campinas: Autores Associados, 2010.

FREIRE, Ana; KLEIMAN, Angela. Alfabetização e letramento. Disponível em: https://fr.scribd.com/document/334624338/KLEIMAN-Angela-Alfabetizacao-e-Letramento-1. Acesso em: 18 mar. 2025.

GEE, James Paul. Social linguistics and literacies: ideology in discourses. London: Taylor & Francis, 1996.

HEATH, Shirley Brice. Protean shapes in literacy events: ever-shifting oral and literate traditions. In: TANNEN, Deborah (Ed.). *Spoken and written language: exploring orality and literacy.* Norwood, N.J.: Ablex, 1982. p. 91–117.

HEATH, Shirley Brice. Ways with words: language, life, and work in communities and classrooms. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Internet já é acessível em 90,0% dos domicílios do país em 2021. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34954-internet-ja-e-acessivel-em-90-0-dos-domicilios-do-pais-em-2021. Acesso em: 27 abr. 2025.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2019. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/. Acesso em: 3 mai. 2025.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. 3. ed. Campinas: Papirus, 2007.

KENSKI, Vani Moreira. Tecnologia e ensino: o impacto das tecnologias no cotidiano escolar. Campinas: Papirus, 2007.

KLEIMAN, Angela. Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, Angela. Texto e leitura: novas perspectivas. Campinas: Pontes, 1995.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. G.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2001. p. 19–36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Linguística textual: leitura e produção de textos. São Paulo: Cortez, 2001.

ONG, Walter J. Oralidade e escrita: a tecnologia da palavra. Tradução de Ricardo P. & A. S. Costa. Campinas: Papirus, 1986.

ONG, Walter J. Orality and literacy: the technologizing of the word. New York: Routledge, 1986.

TÜRCKE, Christoph. Sociedade excitada: filosofia da sensação. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4003

TÜRCKE, Christoph. A sociedade do espetáculo e a fragmentação da atenção. 2010.

VILAÇA, Irene. Leitura na era digital. *Revista da Educação*, v. 12, n. 2, p. 45–58, 2012.

VILAÇA, Jorge. Leitura digital e aprendizagem no ensino superior: o desafio da concentração. 2012.

WOLF, Maryanne. Proust and the squid: the story and science of the reading brain. New York: HarperCollins, 2018.

XAVIER, Antônio. Novos gêneros digitais. *Revista da Educação*, v. 12, n. 2, p. 59–72, 2005.

XAVIER, Erica Norimar Bock. Leitura digital: da informação à formação do leitor. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/handle/1/17941. Acesso em: 17 abr. 2025.

XAVIER, Lígia. Gêneros digitais e a transformação da leitura e da escrita. 2005.